



NAP
NUCLEO DE
ASSESSORIA
PEDAGÓGICA

NAPtreXos

Publicação Periódica do NAP – Setembro de 2006 – n.03
Responsáveis: Eliane Padovani; José Antonio Padoveze; Mara Giacomelli.
CENTRO UNISAL – AMERICANA

CONTRIBUIÇÕES DIDÁTICAS PARA A PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR

Palestra da Profa Dra Rita Maria Lino Tarcia, no dia 03 de junho de 2006

RESPONSABILIDADE DOCENTE

Por **Dárcio José Novo**

A palestra proferida pela Professora Rita Maria Lino Tarcia (03/06/06), bem demonstra que toda responsabilidade pelo aprendizado dos alunos da educação superior está pousando sobre os ombros dos professores da educação superior. Ainda que não seja novidade, é uma constatação que muitos docentes se recusam a acreditar. Estamos diante de uma situação que nos obriga a sermos criativos para poder enfrentar as intransponíveis dificuldades que se apresentam. De um lado, os alunos, na sua maioria despreparados para o aprendizado no ensino superior, com enormes dificuldades para a leitura e compreensão de textos e com tempo para estudos limitado, em regra, às aulas que frequentam. De outro lado, um mercado que exige profissionais competentes, isto é, com conhecimentos teóricos, habilidades e informações que lhe permitam o exercício da profissão para a qual a universidade atesta que os preparou ao conceder-lhe um diploma. No centro, a escola que, como qualquer empreendimento, deve equacionar seus custos às possibilidades que o mercado consegue absorver, isto é, limitar os custos aos valores das mensalidades escolares que a sociedade

pode pagar, sob pena de sucumbir à falta de alunos. E essa limitação de custos, por obvio, reflete nas condições de trabalho oferecidas aos professores para que exerçam com competência o seu nobre mister de facilitador do aprendizado.

Qual a reflexão que é possível extrair desse conjunto de fatores? Muitas. A primeira, é a de que a direção das escolas superiores devem buscar a reforma dos Regimentos internos no sentido de encontrar alternativas para flexibilizar os Cursos, de forma a melhor aproveitar a carga horária prevista para cada um deles (quatro aulas por dia, módulos, parte presencial e parte a distância, etc.). A segunda, é atualizar os programas das disciplinas no sentido de que sejam priorizadas as matérias e conteúdos que realmente interessam à formação conceitual do aluno para a profissão almejada, observado o mínimo curricular, descartando o que for supérfluo (embora às vezes necessário como embasamento histórico), que ficaria na indicação para os estudos complementares daqueles que tiverem interesse. Terceiro, trabalhar o conteúdo da disciplina em sala de aula e na biblioteca/laboratório, de forma alternativa, isto é, metade da classe tem

aula no primeiro horário e trabalho na Biblioteca/laboratório no segundo horário e vice versa, de forma que se possa trabalhar com número menor de alunos em sala de aula e na biblioteca ou laboratório, o que facilita o aprendizado e possibilita ao professor mais bem aferir o progresso dos alunos. Quarto, ajustar a grade horária dos professores de forma que possam trabalhar em sala de aula durante uma parte do período letivo e se atualizar, estudar, pesquisar, corrigir trabalhos, participar de bancas, etc., durante a outra parte do período letivo, o que poderia ser efetuado sem acréscimo de custos para a Escola, em havendo acordo de banco de horas entre a escola e os professores, com o u sem assistência sindical. O professor daria as aulas previstas concentradas em um período do ano e as receberia distribuída pelos 12 meses, de forma que no período em que está se atualizando, pesquisando, participando de cursos, etc., permaneceria

recebendo o salário decorrente do trabalho (extraordinário) já realizado anteriormente. Portanto, são necessárias mudanças dos paradigmas vigentes, mudanças que exigem inteligência, competência e disposição dos envolvidos.

É possível concluir que apenas com o empenho dos professores, sem que haja alteração estrutural, regimental e conceitual dos Cursos e currículos por parte da escola, não será possível alcançar os objetivos que o mercado de trabalho exige para os profissionais que formamos. É imperativo buscarmos um diferencial para enfrentar as exigências do mercado profissional e a concorrência com as demais escolas. Porém, há que ser um diferencial verdadeiro que exige inteligência, mudança de paradigmas, enfrentamento de dificuldades, desprendimento e coragem, muita coragem para enfrentar o desafio.

O ALUNO, O PROFESSOR E A PEDAGOGIA DO PRAZER

Por José Carlos Antonio Atualizado em 3/22/2005

<http://www.ciadaescola.com.br/zoom/materia.asp?materia=250&pagina=4#materia>

A “pedagogia do prazer” é um termo bastante em uso em nossos dias. Por trás dela há uma idéia já tantas vezes repetida que passou a soar como uma máxima, uma “lei pedagógica”: só se aprende aquilo que se tem prazer em aprender.

A idéia é realmente ótima, pois aprender de forma prazerosa é certamente muito mais fácil e agradável do que aprender de outra forma qualquer, mas será mesmo que isso é sempre possível?

Esse artigo da seção “Erro Padrão” pretende propor uma reflexão entre

professores, alunos e comunidade sobre esse tema atual e intrigante, pois, se por um lado parece difícil discordar da máxima da pedagogia do prazer, por outro parece que essa máxima existe muito mais na teoria de educadores “teóricos” do que nas práticas de sala de aula, onde o conflito entre o “prazer de aprender” e o “prazer de ensinar” ditam regras mais pragmáticas.

Meu garotinho tem três anos. Dia desses, almoçando na casa de amigos, fomos servidos com deliciosas ameixas como

sobremesa. Ofereci uma ao meu garoto, mas ele recusou prontamente dizendo que “não gostava”. Perguntei-lhe então se ele sabia qual era o gosto daquela ameixa e ele correu para mordê-la e experimentar. Depois da mordida na minha ameixa ele quis a dele e a comeu com muito prazer. Meu garoto não é assim tão original que não sirva de exemplo para um comportamento que, na verdade, todos temos: desgostar de muitas coisas que desconhecemos. Muitas pessoas odeiam outras embora nunca tenham comido uma delas. Eu sou uma dessas pessoas, por exemplo.

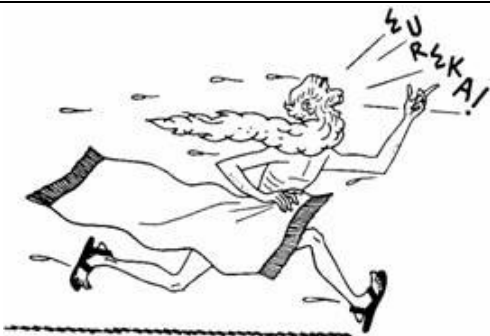


Ilustração mostrando Arquimedes correndo nu pelas ruas de Siracusa após descobrir o princípio de flutuabilidade: o famoso princípio de Arquimedes.

Também não é raro que passemos a gostar de algo de que antes “desgostávamos” depois de termos experimentado esse algo pela primeira vez. Comigo foi assim que aconteceu com a berinjela. Eu odiava berinjela antes de comê-la pela primeira vez. Agora que já a experimentei não a odeio mais, embora não seja minha comida predileta.

Por fim, também há coisas como o quiabo, que eu odiava antes de conhecer e passei a odiar ainda mais depois de conhecê-lo.

De certa forma a escola é como uma grande mesa de banquete, onde diferentes alimentos preparados de diversas formas e

por distintos cozinheiros estão à disposição dos nossos alunos. Na escola se pode tanto odiar algumas disciplinas quanto amar a outras tantas. Alguns dizem que o segredo da boa comida está nas mãos do cozinheiro, assim como o segredo da paixão de alguns alunos por certas disciplinas está na pedagogia de certos professores. Talvez isso não seja de todo verdadeiro, pois nunca achei um cozinheiro que me fizesse gostar de quiabo e talvez não haja um professor capaz de fazer qualquer aluno gostar de sua disciplina, mas o fato é que o tempero próprio de cada professor dá realmente um sabor diferente à sua disciplina.

Atualmente se discute muito a “pedagogia do prazer” e é comum se ouvir dizer que “o aluno só consegue aprender aquilo que lhe dá prazer” ou, equivalentemente, “aquilo que pode ser aprendido por ele de forma prazerosa”. Essa é uma tese aparentemente difícil de ser rebatida, pois todos concordamos que é muito melhor aprendermos algo que nos dê prazer do que outra coisa que nos pareça desagradável.

Diante dessa afirmativa, aceita muitas vezes tacitamente como uma verdade inquestionável, o professor se vê à frente de um labirinto de “caminhos possíveis do prazer” e nenhuma placa indicando qual é o melhor caminho a ser seguido. Na verdade nem sabemos se sempre existirá um tal caminho.

Será que isso quer dizer que devemos ensinar aos nossos alunos apenas aquilo de que eles “gostam” ou que eles “querem” que lhes ensinemos? Mas, assim como meu garoto, que nunca tinha comido ameixa antes, nossos alunos estarão aptos

a saber do que não gostam mesmo antes de experimentar? E quem iria querer aprender Física, por exemplo?

Pesquisas feitas com alunos ingressantes no ensino médio apontam a disciplina de Física como a que tem maior rejeição entre os alunos. A maioria dos alunos “odeia Física” mesmo antes de terem sido oficialmente apresentados a ela.

Muitos professores interpretam esse ódio antecipado à Física como imaturidade dos alunos, pois não parece concebível que alguém odeie algo antes de conhecê-lo (e principalmente porque os professores de Física aprenderam a amá-la e não a odiá-la). Mas eu, que amo a Física e odeio as ostras sem nunca tê-las comido, não me sinto imaturo em meu ódio. Ostras me repugnam assim como deve repugnar aos alunos do ensino fundamental uma disciplina da qual só ouvem barbaridades dos colegas que a cursam no ensino médio. Física reprova muita gente, envolve cálculos matemáticos, é cheia de fórmulas e “decorebas”, os professores são arrogantes e metidos a cientistas e, além de tudo isso, ainda temos um motivo a mais que passou a ser apontado pelos alunos principalmente na última década: Física é inútil, não serve para nada.

É claro que a Física, usada aqui como exemplo, é apenas uma ilustração que retrata bem o problema, mas na verdade em diferentes graus de “ódio” todas as disciplinas enfrentam críticas parecidas.

O que eu odeio na ostra não é o seu sabor, que desconheço, assim como desconhecem os conceitos e utilidades da Física aqueles que a odeiam sem nunca terem-na experimentado, o que eu odeio da ostra é aquilo que penso dela a partir das informações que antecipadamente

tenho (ou penso ter) sobre ela, sejam essas informações “corretas” ou “incorretas”. Ostras me parecem gosmentas e são comidas “cruas”, talvez “vivas”. Eu não gosto de comer animais gosmentos, crus e vivos. Talvez eu esteja errado, não sei, não entendo de ostras e nunca quis entender, mas eu realmente odeio ostras, assim como muitos alunos odeiam a Física. Esse “ódio” pode até mesmo ser irracional, como parece sê-lo, mas isso não o impede de existir.

Talvez eu venha a gostar de ostras se algum bom cozinheiro me falar mais sobre elas, ou se me apresentar um prato de ostras que me pareça menos nojento, quem sabe... Alguns alunos também passam a apreciar a Física e as ciências em geral quando têm professores capazes de “preparar boas receitas pedagógicas”. E isso nos leva a outra questão sobre a “pedagogia do prazer”: É realmente possível criar receitas pedagógicas prazerosas para se ensinar qualquer assunto?

Muitos pedagogos que não costumam pisar em salas de aula costumam dizer que sim, que é perfeitamente possível contextualizar as situações de ensino-aprendizagem de uma forma interessante, dizem que se pode ensinar de forma lúdica, explorar novos recursos como as diversas mídias etc., mas quem realmente sabe fazer isso? Quem tem boas receitas sobre o preparo de ostras?

E o que dizer do quiabo? Eu realmente odeio quiabo e já me disseram que existem muitas receitas deliciosas para se preparar um bom prato de quiabo. Odiei todas as receitas que já experimentei. Talvez exista mesmo uma receita de que eu goste, mas será que eu estou disposto a experimentar

muitas receitas novas, talvez dezenas delas para, só depois, quem sabe, descobrir que eu gosto de quiabo? E quanto aos alunos, quantas vezes deveremos lhes ensinar Física, e de quantas maneiras diferentes, para que um dia descubram, talvez, que gostam dela? E se, assim como eu e o quiabo, eles e a Física sempre se odiarem, teremos nós fracassado então como professores?

Eu penso que talvez o mundo deva se conformar com o meu ódio pelas ostras e pelos quiabos, assim como muitos professores talvez devam se conformar um pouco também com o ódio de alguns alunos pela Física ou por outra disciplina qualquer. Isso, a princípio, parece frustrante, mas será mais frustrante do que a sensação de que todo o fracasso que ocorre no processo de ensino-prazeroso é culpa do professor, do material didático ou mesmo da escola? Será mesmo que todos devemos aprender a gostar de Física, ostras e quiabos? E onde fica a nossa individualidade?

Eu posso viver muito bem sem comer ostras e quiabos, ou pelo menos penso que posso. Muitos alunos também pensam poder viver bem sem aprenderem sobre ciência. Eu posso estar errado sobre minha autonomia gastronômica e os alunos também podem estar errados sobre a independência educacional deles, mas como poderão nos convencer do contrário? Eu tenho a minha disposição muitas comidas que me agradam e que, na minha opinião, me permitem abrir mão das ostras e quiabos. Os alunos também parecem ter muitas outras opções de coisas “mais prazerosas” para fazerem na escola e fora dela do que aprender sobre ciência, por

exemplo. Enquanto eu puder escolher o que comer, eu não pretendo comer ostras e quiabos e duvido muito que os alunos que odeiam Física também deixem de exercer esse “direito de escolha prazerosa” sobre o que querem ou não gostar de aprender.

Mas então, porque eu me recuso a comer ostras e quiabos e, no entanto, me recuso também a permitir que os meus alunos abstenham-se de aprender sobre ciência, ainda que não gostem dela? Não estaria eu sendo um professor incoerente?

Na verdade há muitas explicações possíveis para esse aparente paradoxo, mas duas delas talvez sejam as mais importantes: meu prazer em ensinar e a certeza de que não há nenhum prato mais nutritivo que a ciência! Acho que o mesmo se aplica a qualquer outro professor e sua disciplina.

Se eu, como professor e educador, não tivesse um enorme prazer em ensinar, assim como o cozinheiro tem prazer em criar receitas saborosas, provavelmente já teria mudado de profissão e estaria fazendo algo que me desse maior prazer. Portanto, embora alguns alunos odeiem realmente a Física e eu compreenda que eles realmente a odeiam, meu prazer está em tentar fazer com que eles desenvolvam um gosto mais prazeroso por ela, mesmo que essa não seja a vontade deles, assim como fizeram comigo no “quesito berinjela”. Aqui parece haver um “saudável conflito entre o meu prazer em ensinar e a falta de prazer de alguns alunos em aprender”, mas conflitos fazem parte da atividade pedagógica, não fazem?

No quesito “nutrição do saber” eu tenho a clara concepção de que as vitaminas,

proteínas e sais minerais contidas na ciência não podem faltar na dieta de sabedoria dos meus alunos, assim como também não podem faltar as guloseimas de que eles gostam muito mais, como namorar, jogar videogame, passear, ir para as baladas etc. Eu creio que posso substituir os nutrientes das ostras e quiabos comendo outras coisas, mas desconheço outros conhecimentos que contenham os mesmos nutrientes educacionais que a ciência, e isso é um fato para mim, embora possa não ser para os meus alunos. Novamente temos um conflito entre a crença da inutilidade da ciência por parte de alguns alunos e a minha crença sobre sua utilidade e, novamente, esse conflito me parece saudável.

Assim, embora eu reconheça que alguns alunos podem nunca vir a gostar de aprender sobre ciência e nem eu vir a gostar de quiabo, eu também reconheço que devo ensiná-los, tanto por “dever do meu ofício”, quanto pelo meu prazer pessoal em enfrentar esses desafios. Como qualquer bom cozinheiro o professor tenta apresentar sempre o prato mais saboroso, mas sempre haverá quem não

goste e reclame do tempero. Assim somos nós, os humanos: seres complexos, cheios de vontades e particularidades que nos tornam maravilhosamente “únicos”.

E antes que eu me esqueça, a figura mostrada no início desse artigo ilustra o “causo” em que Arquimedes, um grego que viveu entre 287 e 212 antes de Cristo, saiu correndo pelado pelas ruas de sua cidade, Siracusa, após descobrir durante um banho de banheira a solução para um problema que lhe atormentava a mente e que acabou se tornando uma lei física, a lei do empuxo (ou princípio de Arquimedes). Se o “causo” for verdadeiro certamente Arquimedes será o primeiro grande exemplo de alguém que teve um aprendizado lúdico acompanhado de muito prazer, embora ainda não houvesse nenhuma pedagogia tratando disso.

Talvez ainda existam alguns alunos-Arquimedes que se maravilhem diante de uma nova descoberta, que passem a gostar da minha receita de berinjela ou, quem sabe, que possam me ensinar uma boa receita de quiabo... E se eu não puder acreditar nisso e nem ter prazer em tentar ensinar a minha disciplina, como poderei crer em qualquer pedagogia do prazer?

AS 8 PRÁTICAS FUNDAMENTAIS DO PROFESSOR DE ADULTOS ¹

Gilberto Teixeira (Prof. Doutor FEA/USP)

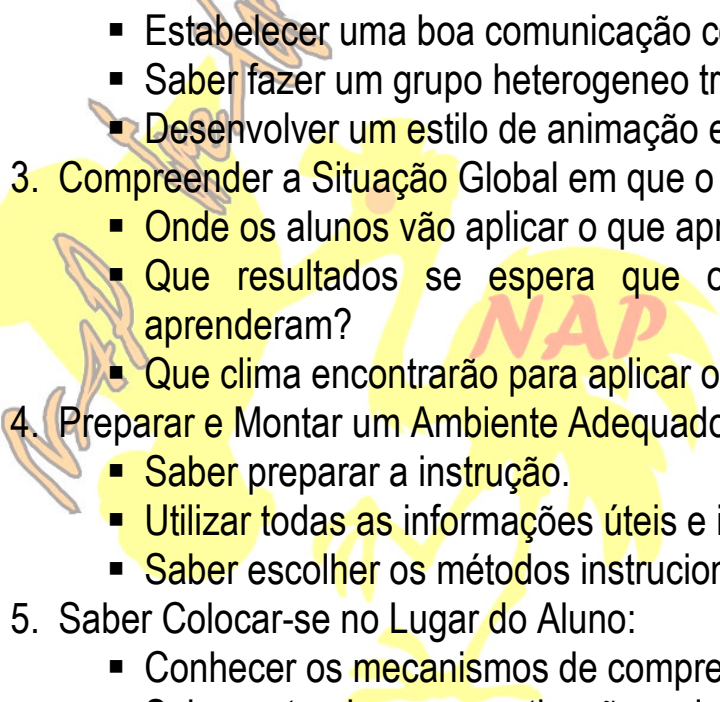
1. Avaliar suas Capacidades Pessoais como Educador:

- Conhecer-se melhor como pessoa.
- Não ignorar seus próprios preconceitos e aptidões quanto aos métodos instrucionais
- Identificar estilos pessoais que podem adotar, mais espontaneamente

2. Aprender a Transmitir Conhecimentos a um Grupo:

- Saber formar um grupo.

¹ <http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=1&texto=2>

- 
- Estabelecer uma boa comunicação com o grupo, dinamizá-lo, interagir.
 - Saber fazer um grupo heterogeneo trabalhar em conjunto.
 - Desenvolver um estilo de animação em grupo, eficaz e pessoal.
3. Compreender a Situação Global em que o Processo Educacional se insere:
 - Onde os alunos vão aplicar o que aprenderam?
 - Que resultados se espera que obtenham com a aplicação daquilo que aprenderam?
 - Que clima encontrarão para aplicar o que terão aprendido?
 4. Preparar e Montar um Ambiente Adequado para a Instrução:
 - Saber preparar a instrução.
 - Utilizar todas as informações úteis e instrucionais.
 - Saber escolher os métodos instrucionais adequados aos alunos e ao conteúdo.
 5. Saber Colocar-se no Lugar do Aluno:
 - Conhecer os mecanismos de compreensão e de memorização do aluno.
 - Saber entender suas motivações e interesses.
 - Saber sobre sua experiência profissional e pessoal anterior.
 6. Controlar a Eficácia Pedagógica da Instrução:
 - Assegurar-se de que os objetivos previstos estão sendo atingidos.
 - Assegurar-se de que os conhecimentos adquiridos estão sendo utilizados.
 - Assegurar-se de que os métodos empregados são eficazes.
 7. Escolher os Métodos mais Eficazes para a Situação, Conhecer idéias básicas dos grandes pedagogos:
 - Conhecer os diferentes métodos de ensino/aprendizagem:
 - da lousa ao computador.
 - Exercer espírito crítico e selecionar os métodos que melhor se apliquem aos objetivos instrucionais.
 8. Conhecer e aperfeiçoar-se na Pedagogia para Adultos (Andragogia)
 - Procurar conhecer os métodos andragogicos e como utiliza-los.
 - Ter consciência de que se pode aprender com os alunos.

AVALIANDO A SALA DE AULA VIRTUAL

Autor : Mariana da Rocha Corrêa Silva

Uma Sala de Aula Virtual pode ser vista como um sistema computacional aprimorado para o aprendizado e a comunicação. Na Sala de Aula Virtual os alunos dividem seus pensamentos, questões e reações com professores e colegas, através do computador e do software. Estes recursos permitem aos alunos a interação com professores e colegas, facilitam o estudo do material de leitura e a realização de testes. Tudo isso sem ter que se ocupar com aulas com horário marcado O aprendizado pode ser realizado em qualquer lugar e a qualquer hora, utilizando um computador no campus, na escola, em casa ou no trabalho.

A autora tem um projeto de avaliação de salas de aula virtuais, sendo que seu objetivo principal analisar se é possível utilizar sistemas de comunicação para melhorar o acesso e a eficiência da educação a distância superior. O mais importante "produto" do projeto é o conhecimento sobre as vantagens e desvantagens desta nova tecnologia, uma vez que elas podem ser influenciadas pelas características dos alunos, pelas técnicas de implementação e por diferentes cenários de cursos.

As duas questões mais importantes apontadas por Starr são:

1. A Sala de Aula Virtual é uma opção viável para o exercício da educação? Ou seja, os resultados são pelo menos tão bons quanto os resultados de cursos tradicionais presenciais?

2. Quais variáveis estão associadas a resultados especialmente bons e especialmente fracos neste novo ambiente de aprendizado e instrução?

Hiltz acredita que a comunicação mediada por computador está particularmente adaptada à implementação de estratégias e soluções de aprendizado colaborativo, no qual tanto os alunos como os professores são participantes ativos no processo de ensino. O conhecimento não é algo que é "entregue" aos alunos nesse processo, mas algo que emerge do diálogo ativo entre aqueles que procuram entender e aplicar conceitos e técnicas.

Os resultados do uso de cada meio parecem estar mais relacionados à implementação particular do uso educacional de um meio do que às características intrínsecas do mesmo. As implementações que focalizam os pontos fortes de um meio e que contornam suas limitações é que podem chegar a ter sucesso.

Sabe-se que alguns cursos oferecidos na sala de aula tradicional têm maior sucesso que outros e que isso pode ser relacionado a variações no nível e estilo de instrução do professor. Entretanto, não é que "o meio não faça diferença", mas outros fatores podem ser mais importantes ou interagem com o meio interferindo nos resultados educacionais para os alunos. A autora afirma que um objetivo primário no estudo de um novo meio para a educação deve ser a identificação de modos eficientes e ineficientes de utilizá-lo.

Hiltz afirma que, apesar de problemas de implementação, os resultados nesse campo de experimento são geralmente positivos, sustentando a conclusão que a utilização de Salas de Aula Virtuais pode aumentar o acesso e a eficiência da educação universitária. No entanto, bons resultados dependem do acesso adequado aos equipamentos, do esforço das unidades de ensino e do conhecimento ao ensinar com essa nova ferramenta.

A Sala de Aula Virtual é uma opção viável para a educação universitária.

Os resultados são pelo menos tão bons quanto os resultados dos cursos presenciais tradicionais. Alunos que participaram do experimento relataram que tanto o acesso quanto a qualidade educacional foram melhoradas. Um resultado interessante é que alunos expostos à experiência de explorar uma Sala de Aula Virtual se tornam mais auto-disciplinados e adquirem habilidades verbais acima da média. Alunos com estas características são mais propensos a obter melhores resultados em um ambiente baseado na Sala Virtual do que em cursos tradicionais.